

EQUIPAMENTOS DE FORNECIMENTO DE ÁGUA NO BAIRRO DA RUA DAS FLORES NA ÉPOCA MODERNA. PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UMA CARTOGRAFIA

DIOGO EMANUEL PACHECO TEIXEIRA*

Resumo: *O abastecimento de água à Rua das Flores, no Porto, teve várias etapas ao longo da Época Moderna. Numa fase inicial era provisionada por fontes com nascentes próprias e pelo aqueduto do Convento de São Domingos. Posteriormente, deixou de ser provida pelos frades dominicanos, passando a receber água do manancial de Paranhos. A empreitada para a exploração deste manancial iniciou-se em 1604 e em 1606 a água já chegava aos chafarizes do Largo de São Domingos e da rua Nova. Este ramal, que seguia da Porta do Olival até à zona da Ribeira, passando pela Rua das Flores, no seu percurso abastecia várias fontes públicas. Neste trabalho procuramos demonstrar as respostas que o poder local deu à problemática do abastecimento de água nesta rua, apontando a localização dos vários equipamentos de provimento existentes na sua envolvente.*

Palavras-chave: *Água; Aqueduto; Fontenário; Mapeamento; Rua.*

Abstract: *The water supply to Rua das Flores, in Porto, went through several stages throughout the Early Modern Period. In an initial phase, it was supplied by fountains with their own springs and by the aqueduct of the Convento of São Domingos. Subsequently, it was no longer supplied by the Dominican friars, but began to receive water from the Paranhos spring. The project to exploit this Spring began in 1604 and in 1606 the water was already reaching the fountains in Largo de São Domingos and Rua Nova. This branch, which ran from Porta do Olival to the Ribeira area, passing through Rua das Flores, supplied several public fountains along its route. In this work we seek to demonstrate the answers that the local government gave to the problems of water supply on this street, pointing out the location of the various supply equipment in its surroundings.*

Keywords: *Aqueduct; Fountain; Mapping; Street; Water.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho, elaborado no âmbito da tese de doutoramento em História da Arte que estamos a desenvolver, constitui uma pequena contribuição para o conhecimento dos desafios para a captação e distribuição de água às populações, tratando-se nada mais do que um ponto de situação sobre a localização dos equipamentos públicos de fornecimento de água na área geográfica da Rua das Flores e sua envolvente, entre os séculos XV e XIX. Para fundamentação deste trabalho, socorremo-nos de

* Doutorando em Estudos do Património, variante História da Arte na FLUP e investigador do CITCEM (ORCID: UIDB/04059/2020; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: diogo.ep.teixeira@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0046-908X>.

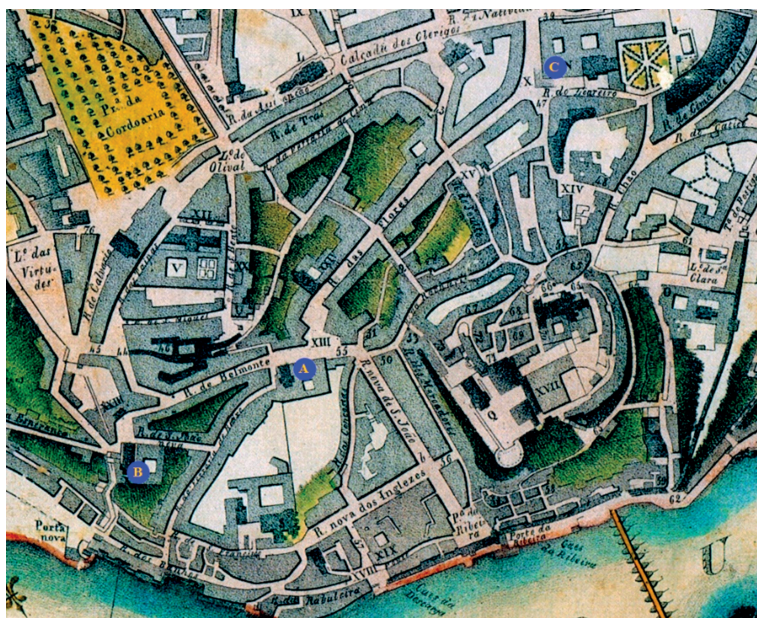


Fig. 1
Pormenor da *Planta Redonda* de George BLACK, 1813. Conventos que circunscriam a Rua das Flores:
A – Convento de São Domingos;
B – Convento de São Francisco;
C – Mosteiro de São Bento de Avé Maria

bibliografia dispersa e de fontes impressas, quer individualmente, quer compiladas em obras académicas.

A zona em estudo é a área compreendida entre o Mosteiro de São Bento de Avé Maria a norte da Rua das Flores, a Rua Nova dos Ingleses a sul, o rio de Vila a este e a Porta do Olival a oeste. Para uma melhor compreensão da distribuição dos equipamentos no espaço urbano, socorremo-nos da *Planta Redonda* de George Black, de 1813¹.

Devido à dimensão deste trabalho, excluímos abordar diretamente o fornecimento de água feita às habitações particulares, e também não aprofundaremos as questões de foro privado no que respeita ao provimento dos edifícios das ordens religiosas, como problemas com a captação e contentas com particulares e/ou com instituições, quer governativas, quer religiosas. Apenas nos centramos nos equipamentos de aprovisionamento público de água. No entanto, é muito importante salientar que a água fornecida pelos conventos mendicantes foi um dos elementos fundamentais na «urbanização do vale do rio de Vila», e a evolução urbana desta zona teve uma preocupação notória com os pontos de passagem das condutas de água dos conventos de São Domingos e de São Francisco².

¹ BLACK, 1813.

² AMORIM, OSSWALD, 1982: 10-32; MORENO, 1985: 5-10; AFONSO, 2000: 32-35 e 96-102.

O Convento de São Domingos foi o que teve o papel mais relevante no que toca ao fornecimento público de água. O Convento de São Francisco também desempenhou um papel importante, mas de menor relevo. Ambos tinham exploração própria e chegaram a fornecer água para abastecer equipamentos públicos. Exemplo disso é o Chafariz do Largo de São Domingos, o qual falaremos mais à frente, que recebeu água dos frades Dominicanos.

Apesar de não fazermos uma abordagem direta por não se tratar de equipamentos públicos no período em análise, não poderíamos deixar de mencionar o chafariz do claustro Mosteiro de São Bento de Avé Maria, que está preservado no jardim das Águas do Porto, EM³, o chafariz do claustro do Convento de São Francisco, que ornamenta o jardim do Passeio Alegre⁴ e o lavatório da sacristia do Convento de São Domingos, que adorna o jardim de São Lázaro⁵.

1. SÉCULO XV

No século XV, antes da abertura da Rua de Santa Catarina das Flores, em 1521, para além da água fornecida pelos conventos acima mencionados, já existiam naquela zona alguns equipamentos públicos de fornecimento de água.

A fonte dos Canos da Cividade, muitas vezes referenciada como fonte dos Canos ou fonte da Cividade, já existia em 1446⁶, não se sabendo quando foi construída nem quando foi demolida. Estava localizada a norte da Rua das Flores, próximo da Porta de Carros, «no sopé da colina da Cividade, onde depois será o início da Calçada dos Canos ou da Relação»⁷. Manuel Pereira de Novais menciona-a, dizendo que se localizava no Terreiro de São Bento⁸. Segundo Baltasar Guedes, nas suas *Memórias* de 1669, o nome deste equipamento derivava da «bizarria de dous formosos canos por onde saie, juntamente pelos muitos canos que por aquellas ruas vaõ, d'agoa»⁹. António Carvalho da Costa, em 1706, destaca a fonte dos Canos e faz referência a uma outra fonte junto da Porta de Carros, a qual não presta mais nenhum esclarecimento¹⁰. É relevante referir que, em 1759, foi construída uma fonte dos Canos, a mando de um particular, José de Sá Carvalho, segundo uma planta do arquiteto Manuel Álvares Martins¹¹, da qual mais nenhuma informação temos. A fonte era abobadada e estava numa cota inferior ao pavimento. Foi alterada em 1835, por se tratar de um lugar sujo, desadequado e escuro, apropriado para devassidões. Em

³ GARRETT, 1961: 201; PINHO, 2000: 85.

⁴ GARRETT, 1961: 201; AGUIAR, 1980: 206.

⁵ GARRETT, 1961: 201; REIS, 1984: 185.

⁶ AFONSO, 2000: 149.

⁷ AFONSO, 2000: 38-39.

⁸ NOVAIS, 1913: 40.

⁹ AFONSO, 2000: 39; TEIXEIRA, 2011: 77 e 213-214.

¹⁰ COSTA, 1706: 355.

¹¹ ALVES, 1988-1990: 201.

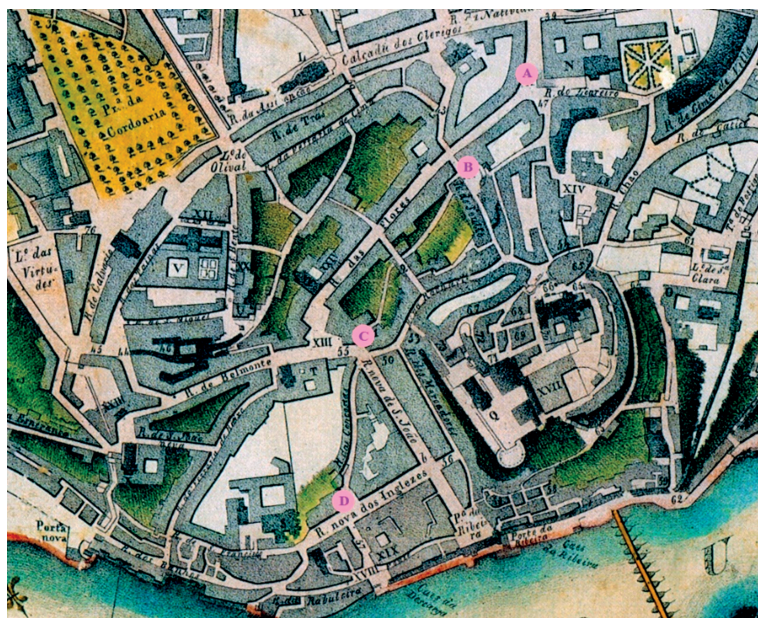


Fig. 2
 Pormenor da *Planta Redonda* de George BLACK, 1813. A – Fonte dos Canos da Cidade; B – Fonte do Souto; C – Fonte da Biquinha; D – Chafariz da Rua Nova

1844 já estava demolida, aquando da construção da nova fonte do Largo das Freiras de São Bento¹², durante a regularização daquele espaço¹³.

A fonte do Souto já existia em 1498. Situava-se junto ao Rio de Vila e à Rua do Souto. Sabe-se que tinha um arco e, em 1534, situava-se debaixo de uma casa. Era abastecida por uma nascente próxima¹⁴. Apesar de não haver informação esclarecedora tanto da sua construção, como da sua demolição, sabe-se que na segunda metade do século XVIII vai surgir uma outra fonte nesta localização, a qual falaremos mais adiante.

O primeiro chafariz de São Domingos já existia em 1403 e era um dos mais importantes da cidade. Mais tarde passará a chamar-se de fonte da Biquinha, dando o nome à rua onde se localizava¹⁵. Baltasar Guedes, na sua *Memória* de 1669 diz-nos que se tratava de uma fonte antiga, localizada debaixo de um arco de pedra, no local da sua nascente¹⁶. Sousa Reis apenas refere que a água era péssima e as suas vertentes se encaminhavam para o Rio de Vila junto à Capela de São Crispim e São Crispiniano¹⁷.

¹² PINHO, 2000: 124.

¹³ REIS, 1984: 184.

¹⁴ AFONSO, 2000: 39.

¹⁵ AFONSO, 2000: 39.

¹⁶ AFONSO, 2000: 39; TEIXEIRA, 2011: 81, 212.

¹⁷ REIS, 1984: 187.

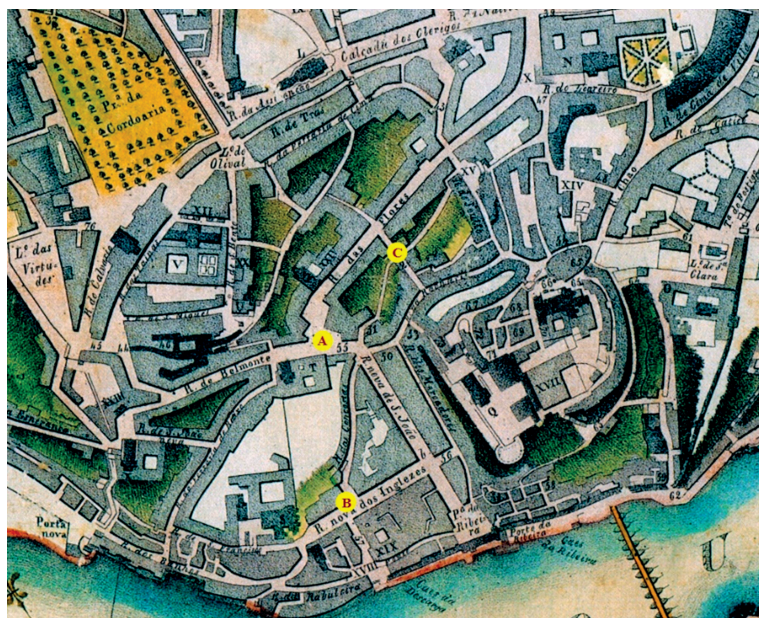


Fig. 3
Pormenor da *Planta Redonda* de George BLACK, 1813. A – Chafariz do Largo de São Domingos; B – Chafariz da Rua Nova; C – Fonte dos Ferreiros

O chafariz da Rua Nova já existia em 1405¹⁸ e tinha nascente própria, mas a água era de má qualidade, tendo sido substituída pelas águas do manancial de Paranhos e de Salgueiros¹⁹. Também era conhecido como chafariz das Congostas. Localizava-se na confluência da Rua das Congostas com a Rua Nova. Foi demolida entre 1882 e 1883, aquando da abertura da rua de Mouzinho da Silveira²⁰. Apesar de não se saber o ano da construção deste equipamento, Magalhães Basto refere que o ourives Manuel Mendes fez dois desenhos em 1594²¹. Baltasar Guedes, na sua *Memória* de 1669, descreve-a como sendo formosa, com três taças. Reforça a ideia de ser bastante necessária e as suas vertentes serviam a Casa da Moeda²². Contudo, é relevante referir que, apesar da parca informação, em 1501, existiam dois chafarizes da Rua Nova, o de baixo e o de cima²³.

2. SÉCULO XVI

No século XVI, as principais alterações no fornecimento de água vão acontecer a partir da abertura da Rua de Santa Catarina das Flores, em 1521. Muitas das habitações desta rua, principalmente as de cariz mais ilustre, tinham poços e chafarizes nos

¹⁸ AFONSO, 2000: 39.

¹⁹ REIS, 1984: 182.

²⁰ VITORINO, 1930-1931: 102-103.

²¹ BASTO, 1964: 421.

²² TEIXEIRA, 2011: 69 e 212.

²³ AFONSO, 2000: 39.

Fig. 4
 Chafariz de São Domingos,
 também conhecido como
 Chafariz da Trindade
 e/ou Chafariz do Laranjal.
 Encontra-se na
 Praça da Trindade
 Fonte: Fotografia do autor



seus logradouros. Muitos destes eram providos com água das vertentes do chafariz do Olival, pelo menos desde inícios do século XVII²⁴.

A fonte dos Ferreiros, apesar de não termos encontrado datação específica, sabemos que existia antes da abertura da rua da Ponte Nova, em meados do século XVI²⁵. Após a construção da Ponte Nova que atravessava o Rio de Vila, ligando a Rua das Flores à rua da Bainharia, passou a estar localizada debaixo desta²⁶. Baltasar Guedes faz uma detalhada descrição desta fonte, dizendo que se tratava de uma obra muito antiga de cantaria, a arca tinha quinze palmos e no meio tinha outro repartimento com quatro palmos de altura. A arca era constituída por um arco e era decorada com relevos de rosas e serafins. Situava-se no subsolo e o acesso era feito por degraus de pedra muito bem construídos²⁷.

Existiram várias estruturas denominadas de fonte ou chafariz de São Domingos. Como vimos anteriormente, em 1403 já existia um chafariz assim designado. Em 1544 foi edificado um outro, cuja autoria é de João Lopes-o-Velho, passando a receber água do Convento de São Domingos²⁸. Em 1605 deixou de receber água dos frades dominicanos e passou a ser provido pelo aqueduto de Paranhos. Um dado interessante é que as armas de São Domingos presentes neste chafariz foram mandadas retirar quando deixou de receber água do convento, levando a um decréscimo do protagonismo urbano desta instituição²⁹. Foi demolido em 1845, sendo substituído por outra fonte³⁰.

²⁴ AFONSO, 2000: 129.

²⁵ AFONSO, 2000: 109-110 e 215.

²⁶ REIS, 1984: 190; AFONSO, 2000: 39.

²⁷ AFONSO, 2000: 39; TEIXEIRA, 2011: 81 e 213.

²⁸ REIS, 1986: 97-98, 154; AFONSO, 2000: 89.

²⁹ AFONSO, 2000: 98-99.

³⁰ MARÇAL, 1968: 304.



Fig. 5
Medalhão da última fonte do Largo de São Domingos. Representa as armas da cidade do Porto. Está preservado no Jardim das Águas do Porto, EM Fonte: Fotografia do autor

A fonte que o veio substituir tinha uma abóbada de cantaria e um depósito que servia para auxiliar no combate aos incêndios³¹. Foi desmontada em 1922³², sendo que o imponente medalhão com as armas da cidade e que se encontra exposto no jardim das Águas do Porto.

Quanto ao chafariz quinhentista, Baltasar Guedes diz-nos que se tratava de uma «obra tão perfeita como as desta Cidade: tem duas bases com quatro bicas»³³. Já Manuel Pereira de Novais compara este equipamento ao chafariz da Porta do Olivai, dizendo que, apesar de não ser tão grande, iguala-o na copiosidade da água³⁴.

Em março de 1854, o chafariz de São Domingos foi inaugurado no Largo do Laranjal, hoje Praça da Trindade, onde ainda se encontra³⁵. Segundo Sousa Reis, apresenta algumas modificações em relação ao traçado original, passando a receber água do manancial de Camões³⁶.

3. SÉCULO XVII

No século XVII, no que toca a equipamentos de fornecimento de água na zona em estudo, a grande obra foi a construção do aqueduto de Paranhos. Esta será a principal fonte de provimento de água à cidade até finais do século XIX. A existência de nascentes em Paranhos já é reportada desde 1120³⁷, mas o seu potencial só começou a ser explorado a partir do início do século XVII.

³¹ REIS, 1984: 182.

³² Segundo informação apresentada numa placa descritiva junto ao medalhão nos jardins das Águas do Porto.

³³ TEIXEIRA, 2011: 68 e 213.

³⁴ NOVAIS, 1913: 40.

³⁵ COUTINHO, 1969: 440.

³⁶ REIS, 1984: 184.

³⁷ MARÇAL, 1967: 296.

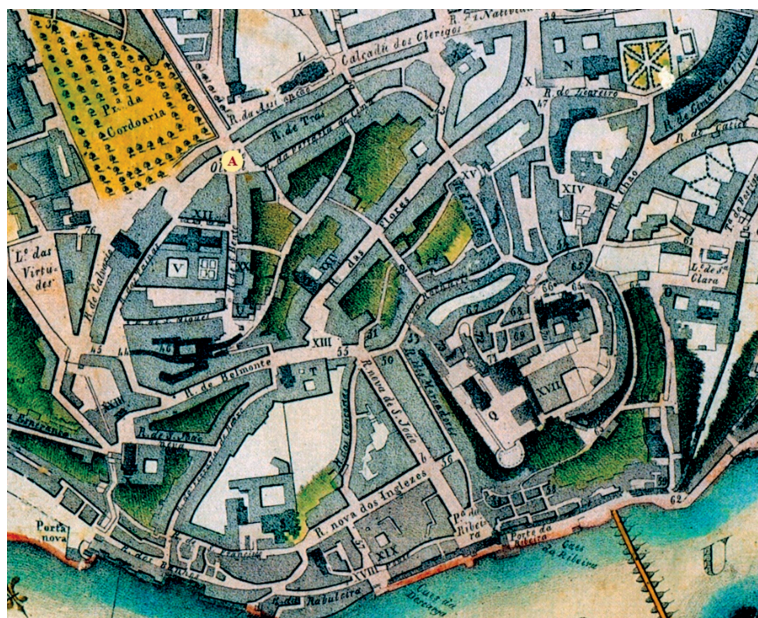


Fig. 6
Pormenor da *Planta Redonda* de George BLACK, 1813. A – Chafariz da Porta do Olival

Apesar da existência de vários equipamentos de fornecimento de água na cidade, a qualidade das suas águas era questionável e o aumento populacional também revelou que estes eram insuficientes. Este problema levou a que, em 1594, a cidade fizesse uma petição ao rei D. Sebastião, solicitando uma autorização para explorar a água das nascentes de Paranhos, disponibilizando 1000 cruzados para contribuir nas custas. A petição foi aceite, mas nada se fez no resto do seu reinado. O alvará foi emitido, a 20 de novembro de 1597, pelo rei D. Filipe I, tendo decidido que a obra seria paga com os rendimentos da Imposição do Vinho e Sal, dos excedentes do crescimento das sisas e os 1000 cruzados doados pelo povo³⁸.

A obra foi arrematada em 1603, por 3295\$700 réis, pelos mestres pedreiros Manuel Gonçalves e Pantaleão Brás, juntamente com os pedreiros António João, Gaspar Gonçalves e Gonçalo Vaz. Nesta quantia estava incluída a condução da água até à Porta do Olival e daí até ao chafariz de São Domingos. A primeira pedra foi lançada neste mesmo ano, mas as obras só começaram a 12 de março de 1604. Em meados de 1606 a água já chegava aos chafarizes de São Domingos e da Rua Nova, mas a vistoria só foi realizada no início de 1607 e o último pagamento só foi feito nos finais de 1608. No decorrer da empreitada foi necessário indemnizar os proprietários dos terrenos por onde passavam os canos, levando a uma derrapagem de 9000 cruzados³⁹.

³⁸ SILVA, 1985: 902.

³⁹ SILVA, 1985: 1038-1039; AFONSO, 2000: 98-99.

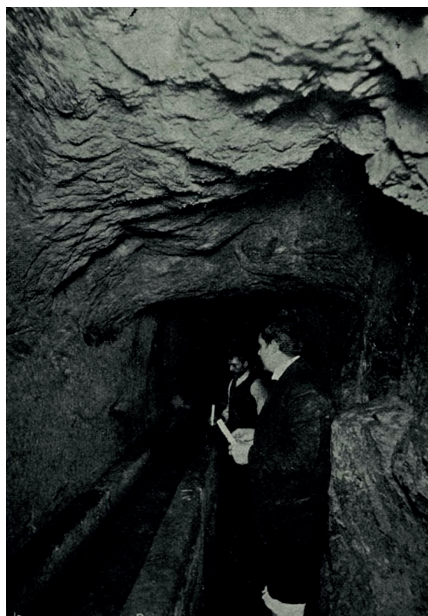


Fig. 7
«Troço do 1.º aqueduto de Paranhos aberto em granito. Além da caleira (P) há no túnel um espaço por onde se caminha e onde se acumula a água que nasce da rocha e a que na abundancia trasborda da caleira»
Fonte: FONTES, 1908: 51

A água jorrava do solo, a partir de várias nascentes existentes no local, e seguia por um aqueduto de pedra em galeria, sendo que parte da canalização era em canos de pedra e outra parte era em canos de barro ou de grés⁴⁰.

O aqueduto de Paranhos foi alvo de várias descrições, críticas e elogios ao longo dos anos. Quer pela sua importância, quer pela qualidade das suas águas. Baltasar Guedes, na sua *Memória* de 1669, faz uma exposição pormenorizada sobre a qualidade e o percurso da água⁴¹. Nos finais do século XVII, Manuel Pereira de Novais também faz uma menção à água deste manancial, destacando a chegada desta até à Porta do Olival, seguindo dali até à rua Nova, passando pelo Largo de São Domingos⁴². Nas *Memórias Paroquiais* de 1758, o padre João Carneiro da Silva apenas faz uma pequena referência à arca de água de Paranhos, informando-nos que esta se encontrava fechada à chave⁴³. Agostinho Rebelo da Costa, em 1788, traça uma dura crítica à Câmara devido ao mau estado do aqueduto⁴⁴. Sousa Reis, em meados do século XIX, refere que o manancial de Paranhos é o melhor da cidade, fazendo uma apresentação dos chafarizes por ele fornecidos⁴⁵. Tito Bourbon e Noronha, em 1885, fala da excelente qualidade da água de Paranhos⁴⁶.

⁴⁰ MARÇAL, 1967: 295-297.

⁴¹ TEIXEIRA, 2011: 49-50 e 204-206; TEIXEIRA, 2018: 252.

⁴² NOVAIS, 1913: 39.

⁴³ CAPELA, 2009: 601.

⁴⁴ COSTA, 2001: 54.

⁴⁵ REIS, 1984: 178 e 181-183.

⁴⁶ NORONHA, 1885: 14.

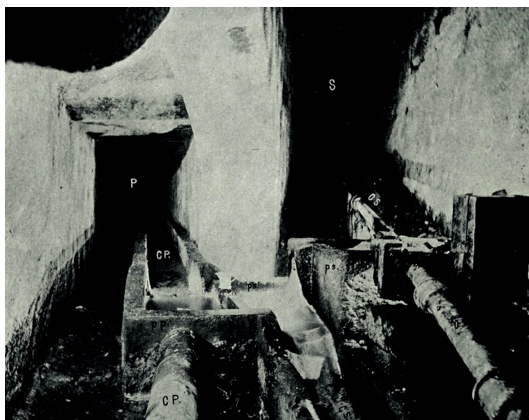


Fig. 8
«Ponto de encontro dos aquedutos de Paranhos (P) e de Salgueiros (S) [...]»
Fonte: FONTES, 1908: 57



Fig. 9. Arca do Anjo. Encontra-se exposta nos jardins das Águas do Porto, EM. Fonte: Fotografia do autor



Fig. 10. Interior da arca do Anjo. Pode-se ver as várias bicas, o tanque central e os tanques laterais, dos quais a água seguia para outros destinos. Fonte: Fotografia do autor

A crítica de Rebelo da Costa seria bem fundamentada, visto que vistorias eram feitas com regularidade. Muitas dessas inspeções deram conta do mau estado em que o aqueduto se encontrava em vários pontos. A Junta das Obras Públicas, em 1789, contratou o sargento-mor Francisco Rodrigues Mendes para examinar o aqueduto de Paranhos⁴⁷.

Em 16 de setembro de 1825 foi autorizada a integração do aqueduto de Salgueiros, que já se encontrava em construção desde 1789⁴⁸. Este manancial tinha origem na atual Rua Antero de Quental, local onde existiam várias nascentes. A mistura das águas dos dois aquedutos na arca do Anjo, no Mercado do Anjo, culminou num reforço do caudal⁴⁹.

⁴⁷ ALVES, 1988-1990: 257.

⁴⁸ ALVES, 1988-1990: 240.

⁴⁹ AMORIM, PINTO, 2001: 45.

4. SÉCULO XVIII

Na segunda metade do século XVIII vamos ver algumas alterações e/ou construções de equipamentos de fornecimento de água, convergindo com a reestruturação da cidade levada a cabo pelos Almadas.

O novo chafariz da Porta do Olival, também conhecido como chafariz da Cadeia foi construído aquando da edificação da Cadeia da Relação, entre 1765 e 1796⁵⁰, projeto idealizado pelo arquiteto-engenheiro Eugénio dos Santos e Carvalho⁵¹. Tal como o seu antecessor, está aqui referenciado por se manter como ponto de ligação do aqueduto de Paranhos à Rua das Flores. É de notar que o chafariz seiscentista da Porta do Olival, do qual pouca informação existe, é referenciado por Manuel Pereira de Novais⁵² e pelo abade Francisco António, nas *Memórias Paroquiais* de 1758⁵³, como sendo de grandes dimensões.

O chafariz da Praça Nova, também conhecido como chafariz da Natividade, foi construído entre 1794 e 1797. Joaquim Jaime B. Ferreira Alves atribui o seu risco ao arquiteto Teodoro de Sousa Maldonado⁵⁴. Não se sabe quando terá sido *descartada* pela autarquia, mas sabemos que em meados do século XIX já tinha sido derrubado

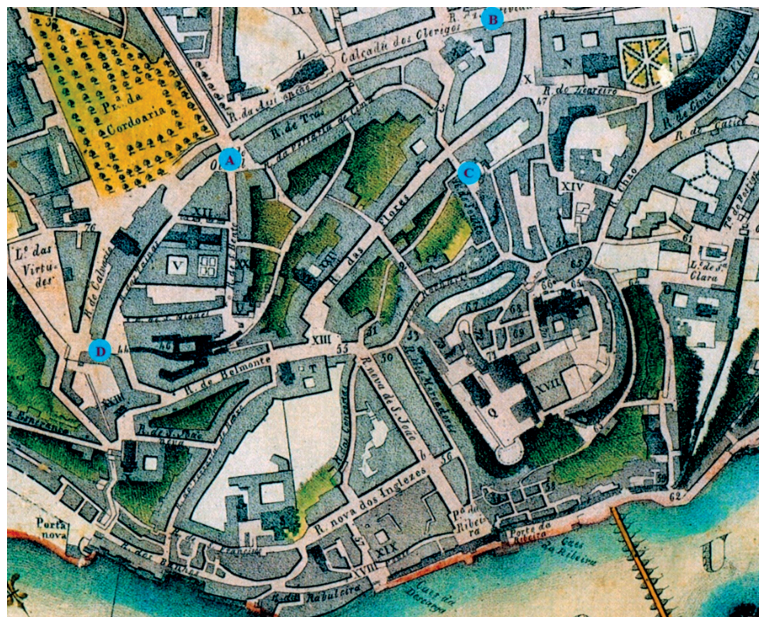


Fig. 11
Pormenor da *Planta Redonda* de George BLACK, 1813. A – Chafariz da Porta do Olival; B – Chafariz da Praça Nova; C – Fonte da Praça de Santa Ana; D – Chafariz das Taipas

⁵⁰ ALVES, 1988-1990: 218-223.

⁵¹ ALVES, 1997b: 693.

⁵² NOVAIS, 1913: 39.

⁵³ CAPELA, 2009: 631.

⁵⁴ ALVES, 1997a: 60.



Fig. 12. Chafariz da Porta do Olival. Encontra-se na sua localização original, junto à Cadeia da Relação
Fonte: Fotografia do autor



Fig. 13. Escavações da fonte da Natividade, na Praça da Liberdade. Fonte: Fotografia do autor



Fig. 14
Chafariz das Taipas. Encontra-se na sua localização original, na rua das Taipas
Fonte: Fotografia do autor

parte do espaldar e os habitantes queriam-no demolido⁵⁵. Em março de 2022, o «Jornal de Notícias» noticiou a descoberta dos restos desta fonte, durante as escavações para a construção da nova linha do Metro do Porto, na Praça da Liberdade⁵⁶. Em julho desse ano, o mesmo jornal indica que a fonte irá ser reconstruída na estação de metro que está a ser construída na Praça da Galiza⁵⁷.

A fonte da Praça de Santa Ana, também conhecida como fonte do Souto e/ou fonte de São Roque, veio substituir a anterior fonte do Souto. Foi construída entre

⁵⁵ REIS, 1984: 190-191.

⁵⁶ AMORIM, 2022.

⁵⁷ TEIXEIRA, 2022.

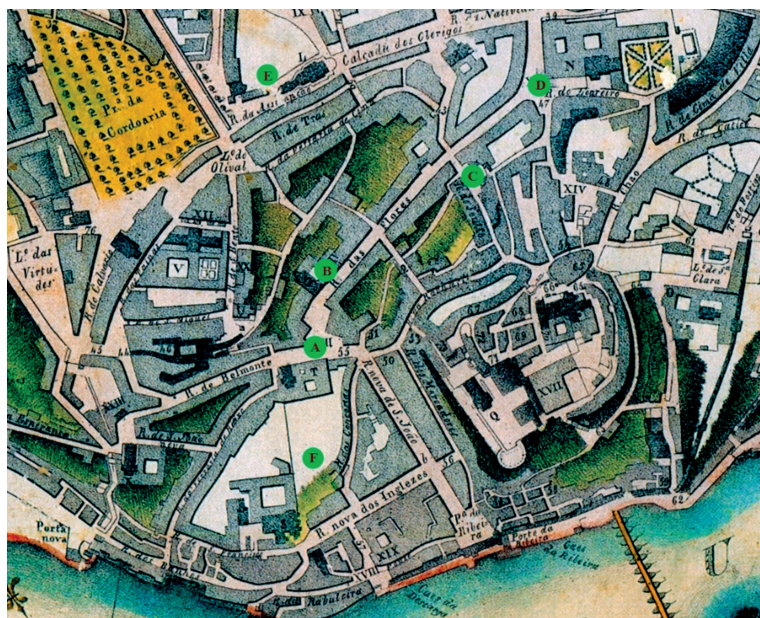


Fig. 15
Pormenor da *Planta Redonda* de George BLACK, 1813. A – Fonte de São Domingos; B – Fonte da Misericórdia; C – Chafariz da Rua Mouzinho da Silveira; D – Fonte do Largo de São Bento de Avé Maria; E – Arca do Anjo; F – Chafariz do Mercado Ferreira Borges

1767 e 1775, aquando da construção desta Praça, inserindo-se num nicho aberto na parede da escadaria que dava acesso à Capela de São Roque. Nesse nicho, havia uma escultura de um génio montando um golfinho, da autoria de José de Sousa, um mestre-escultor de Braga, que vertia a água num tanque em forma de concha. Mais tarde, o tanque foi alterado para um de maiores dimensões e com uma estrutura quadrangular⁵⁸. Foi demolida em 1875 aquando da abertura da Rua Mouzinho da Silveira⁵⁹.

Assinalamos o chafariz das Taipas por ser abastecido pelo aqueduto de Paranhos e por se encontrar nas vizinhanças da área em estudo. Sabe-se muito pouco sobre a sua construção. Apenas sabemos que se trata de um equipamento setecentista, pago pelos moradores⁶⁰ e que substituiu a fonte do Postigo das Virtudes⁶¹, a qual ainda existia em 1758⁶².

5. SÉCULO XIX

Tal no século XVIII, no século XIX também assistimos a algumas alterações urbanas nesta zona, neste caso mais intensas, com o encanamento do Rio de Vila e a abertura da Rua de Mouzinho da Silveira⁶³.

⁵⁸ ALVES, 1997a: 60.

⁵⁹ MARÇAL, 1968: 303.

⁶⁰ REIS, 1984: 182.

⁶¹ COUTINHO, 1967: 427.

⁶² CAPELA, 2009: 631.

⁶³ AMORIM, OSSWALD, 1982: 9.



Fig. 16. «Fonte de S. Domingos, situada defronte da Caixa filial do Banco de Portugal. A letra E marca a entrada para o recinto onde se acha o reservatório»
Fonte: FONTES, 1908: 114

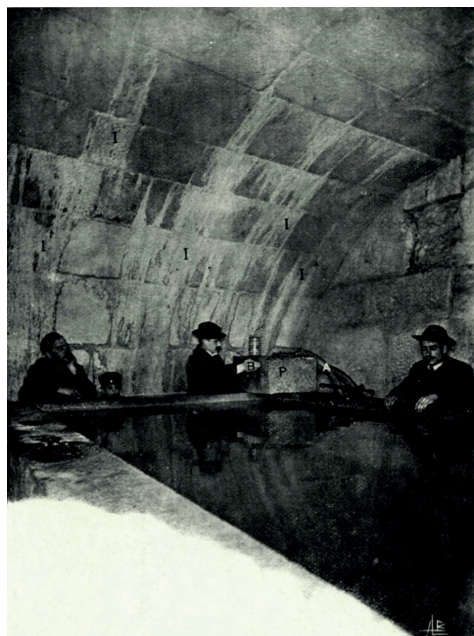


Fig. 17. «Tanque situado n'um tunnel por traz do frontispício da Fonte de S. Domingos. P pia onde descarrega o cano aferente A e d'onde parte outro cano para as fontes de Ferreira Borges e da Ribeira; a mão marcada com a letra B tapa (!) a bica de lançamento no tanque; 11111 são infiltrações no tecto do tunnel»
Fonte: FONTES, 1908: 115



Fig. 18
Fonte da Misericórdia.
Encontra-se na sua localização original, dentro do Museu desta instituição
Fonte: Fotografia do autor



Fig. 19
Chafariz da Rua de Mouzinho da Silveira. Encontra-se na sua localização original, na rua de Mouzinho da Silveira
Fonte: Fotografia do autor

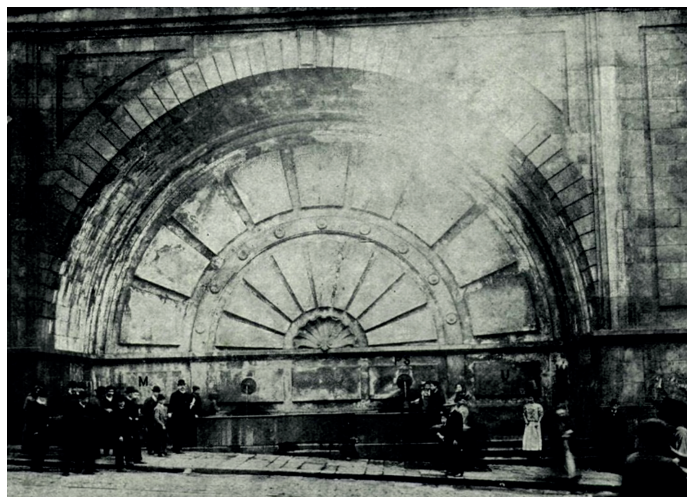


Fig. 20
«Fonte da rua do Mousinho da Silveira; a bica alimentada pela mistura da água de Paranhos com a de Salgueiros está marcada com as letras P S. do lado de M há um mictório público; do lado de U encarrega-se o público de fazer urinatório e latrina»
Fonte: FONTES, 1908: 113

Não nos prolongaremos em relação à fonte de São Domingos, por ter sido mencionada e descrita anteriormente. Apenas expomos as imagens abaixo, para um melhor entendimento da sua estrutura.

A fonte da Misericórdia já existia em 1835⁶⁴. Apesar de ser pertença da Santa Casa da Misericórdia do Porto, estava a uso público durante o dia, sendo encerrada à noite⁶⁵.

O chafariz da Rua Mouzinho da Silveira, ainda existente, foi construído no último quartel do século XIX, provavelmente aquando da abertura da rua. Substituiu a fonte da Praça de Santa Ana. Uma particularidade deste equipamento é que uma

⁶⁴ TEIXEIRA, 2011: 220.

⁶⁵ REIS, 1984: 199; TEIXEIRA, 2011: 220.



Fig. 21. «Aspecto da fachada e do Chafariz do antigo convento, actual Estação de São Bento», c. 1850
 Fonte: Câmara Municipal do Porto. Arquivo Histórico. [Consult. 28 out 2021]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/309875/?>>



Fig. 22. «Fonte do Mercado Ferreira Borges, situada num alpendre por baixo d'elle e em frente á estatua do Infante D. Henrique». Fonte: FONTES, 1908: 116

bica era abastecida pela arca das Hortas, sita na Rua do Almada e a outra recebia água da arca do Anjo⁶⁶.

A fonte do Convento de São Bento de Avé Maria já existia entre 1843-45 e terá sido construída aquando de uma reformulação da praça que aconteceu por essa altura. Era abastecida pelo manancial de Camões, juntamente com o chafariz do Laranjal e uma outra fonte que existia na Rua Sá da Bandeira⁶⁷.

A fonte do Mercado Ferreira Borges, possivelmente construída na altura da edificação do Mercado, inaugurado em 1888, veio substituir o chafariz da Rua Nova⁶⁸. Atualmente encontra-se a adornar o jardim do Palácio de Cristal⁶⁹.

⁶⁶ FONTES, 1908: 34-35.

⁶⁷ MARÇAL, 1968: 308; REIS, 1984: 184; PINHO, 2000: 124.

⁶⁸ FONTES, 1908: 35-36.

⁶⁹ MARÇAL, 1967: 300.

CONCLUSÃO

A arquitetura da água trata-se de um património importante, intrinsecamente ligado à história e desenvolvimento das populações, pelo que é urgente a sua inventariação e salvaguarda, independentemente da estética dos objetos. No caso do Porto, o fornecimento de água sempre esteve nas preocupações do poder administrativo, quer explorando nascentes próprias quer fazendo acordos com outras instituições para garantir que a população tivesse acesso a este bem. O dinamismo que analisamos na Rua das Flores é um bom exemplo da sua importância.

Este exercício revelou-se bastante frutífero no que toca à perceção da dinâmica da distribuição das fontes e chafarizes no espaço público. Ao olharmos para os equipamentos que mapeamos, de acordo com as épocas, é notório que foram muitos os que desapareceram, muitos os que foram construídos e reconstruídos e poucos são os que chegaram aos nossos dias. É neste sentido que este trabalho pretende servir de alavanca para alertar para a necessidade de compreender e de preservar este património.

Apesar de muitos equipamentos se terem perdido, felizmente o poder local tem vindo a preservar alguns destes objetos, quer pela sua importância, quer pelo seu aparato, quer fossem públicos, quer fossem privados. Ao longo dos anos, muitos foram deslocalizados para ornamentação de outros locais e/ou praças, outros foram preservados no jardim das Águas do Porto, em Nova Sintra.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, José Ferrão (2000). *A Rua das Flores no Século XVI. Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- AGUIAR, Manuel Marques de (1980). *Notas sobre o enquadramento urbano do Jardim do Passeio Alegre*. «Revista História». Vol. III, 203-207.
- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1988-1990). *O Porto na época dos Almadás: arquitetura, obras públicas*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 2 vols.
- ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1997a). *A arquitetura da água: chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. «Revista Poligrafia». 6, 45-62.
- ALVES, Joaquim Jaime B. (1997b). *Formas urbanas do Porto setecentista: a praça intramuros*. «Revista da Faculdade de Letras: História». II série. Vol. 14, 685-700.
- AMORIM, Alexandra Agra; PINTO, João Neves (2001). *Porto d'água: o abastecimento de água na cidade do Porto através dos tempos*. Porto: Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento do Porto.
- AMORIM, Maria Inês; OSSWALD, Maria Helena (1982). *A água do convento de S. Francisco do Porto: organização, conflitos e decisões régias*. «Boletim do Arquivo Distrital do Porto». Vol. I, 5-31.
- AMORIM, Miguel (2022). *Metro do Porto viaja à cidade do século XVII*. «Jornal de Notícias». (26 março 2022). [Consult. 28 março 2022]. Disponível em <<https://www.jn.pt/pais/noticias/porto/porto/metro-do-porto-viaja-a-cidade-do-seculo-xvii-14715606.html>>.
- BASTO, Artur de Magalhães (1964). *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto.

- BLACK, George (1813). *Planta Redonda da Cidade do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto, Arquivo Histórico (Identificador: 535310).
- CAPELA, José Viriato (2009). *As freguesias do Distrito do Porto nas “Memórias Paroquiais” de 1758*. Braga: Memórias, História e Património.
- COSTA, Agostinho Rebelo da (2001). *Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto*. Lisboa: Frenesi.
- COSTA, António Carvalho da (1706). *Corografia potugueza, e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geneologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, tomo I.
- COUTINHO, Bernardo Xavier (1967). *Fontes e chafarizes do Porto: a propósito de um problema de toponímia*. «Boletim Cultural». Vol. XXXII, 397-471.
- FONTES, Adriano (1908). *Contribuição para a hygiene do Porto: analyse sanitaria do seu abastecimento em agua potavel. I – estudo dos manacias de Paranhos e Salgueiros*. Porto: Escola Medico-Cirurgica do Porto.
- GARRETT, Antão de Almeida (1961). *Aquedutos, fontes e chafarizes do velho Porto*. «Boletim Cultural». Vol. XXIV, 197-203.
- MARÇAL, Horácio (1967). *O manancial de Paranhos e as fontes por ele abastecidas*. «O Tripeiro». Série VI. Ano VII, 295-300.
- MARÇAL, Horácio (1968). *O abastecimento de água à Cidade do Porto e à Vila de Matosinhos*. 3 partes. «O Tripeiro». Série VI. Ano VIII, 301-310; 339-248; 365-373.
- MORENO, Humberto Baquero (1985). *O fornecimento de água ao convento de S. Domingos do Porto nos séculos XIV e XV*. «Boletim do Arquivo Distrital do Porto». Vol. II, 3-16.
- NORONHA, Tito Bourbon e (1885). *As águas do Porto*. Porto: Typographia Occidental.
- NOVAIS, Manuel Pereira de (1913). *Anacrisis Historial*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, parte I, vol. 2.
- PINHO, Isabel Maria Ribeiro Tavares de (2000). *O Mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto, 1518/1899: uma arquitetura do século VIII*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado, 2 vols.
- REIS, António Matos (1986). *Lopes: uma família de artistas em Portugal e na Galiza*. «Revista de Guimarães». 96, 151-180.
- REIS, Henrique Duarte e Sousa (1984). *Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, vol. I.
- SILVA, Francisco Ribeiro da (1985). *O Porto e o seu termo (1580-1640): Os homens, as instituições e o poder*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento, 2 vols.
- TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2011). *O abastecimento de água à cidade do Porto nos séculos XVII e XVIII. Aquedutos, fontes e chafarizes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de mestrado, 2 vols.
- TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2018). *Equipamentos de abastecimento de água na cidade do Porto: alguns exemplos de mananciais, fontes e chafarizes*. In *História da Arquitetura: perspetivas temáticas*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, pp. 243-262.
- TEIXEIRA, Alfredo (2022). *Fonte do século XVII encontrada nas escavações para o metro remontada na Praça da Galiza*. «Jornal de Notícias». (6 jul. 2022). [Consult. 23 out. 2023]. Disponível em <<https://www.jn.pt/pais/noticias/porto/porto/fonte-do-seculo-xvii-encontrada-nas-escavacoes-para-o-metro-remontada-na-praca-da-galiza-14998253.html>>.
- VITORINO, Pedro (1930-1931). *A fonte das Congostas*. 2 partes. «O Tripeiro». Série VI. Vol. VII, 98-99; 102-103.